



GRUPO DE ESTUDOS E PESQUISAS EM EDUCAÇÃO MATEMÁTICA, DIVERSIDADE E DIFERENÇA COMO UM ESPAÇO DE FORMAÇÃO E (COM)PARTILHAMENTO

**Study and Research Group on Mathematics Education, Diversity and Difference as a
space for formation and sharing**

Fernanda Malinosky Coelho da Rosa¹

Thiago Donda Rodrigues²

Resumo: No presente artigo visamos apresentar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD), como um espaço de reflexão, formação, intercâmbio de ideias e (com)partilhamento vivências e estudos. Os trabalhos produzidos pelos membros do GEduMaD têm um aspecto heterogêneo em relação aos temas de pesquisa e também às áreas que abrangem. Essa diversidade implica também na necessidade de lançar mão de diferentes referenciais teóricos e metodológicos. Assim, apresentaremos nossos percursos teóricos-metodológicos, além de divulgar as pesquisas finalizadas e as que estão em andamento. Como considerações finais, traremos uma breve discussão do que tem aparecido nas pesquisas realizadas.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Inclusão escolar. Espaços não escolares.

Abstract: In this article we aim to present the Group of Studies and Research in Mathematics Education, Diversity and Difference (GEduMaD), as a space for reflection, formation, exchange of ideas and sharing experiences and studies. The work produced by GEduMaD members has a heterogeneous appearance in relation to the research themes and also the areas they cover. This diversity also implies the need to use different theoretical and methodological references. Thus, we will present our theoretical-methodological paths, in addition to publicizing completed and ongoing research. As final considerations, we will provide a brief discussion of what has emerged in the research carried out.

Keywords: Inclusive education. School inclusion. Non-school spaces.

¹ Doutora em Educação Matemática; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Campo Grande, Mato Grosso do Sul, e-mail: fernanda.malinosky@ufms.br.

² Doutor em Educação Matemática; Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS; Paranaíba, Mato Grosso do Sul, e-mail: thiago.rodrigues@ufms.br.

INTRODUÇÃO

Neste artigo visamos apresentar o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD), como um espaço onde é possível refletir, propor, formar e (com)partilhar vivências e estudos, além de divulgar as pesquisas finalizadas e as que estão em andamento.

Um grupo de pesquisa pode, além de facilitar intercâmbios (inter)institucionais de ideias, atividades entre pesquisadores e diferentes áreas do conhecimento, pode constituir uma forma muito interessante de preservar o nível de qualidade dos trabalhos acadêmicos, “[...] em que seja possível (com)partilhar de um referencial teórico comum e ao mesmo tempo desenvolver, apoiado pelo grupo, um ângulo específico de uma problemática mais ampla [...]” (ANDRÉ, 2007, p. 50). Em espaços criados por um grupo, discentes de graduação e pós-graduação poderão aprender a lidar com os embates próprios ao trabalho coletivo, que envolvem tanto tensões intelectuais quanto emocionais, mas além da formação de pesquisadores:

[...] os grupos de pesquisa podem ajudar a consolidar linhas de pesquisa, a aprofundar a fundamentação teórica dos trabalhos e a reduzir as fragilidades metodológicas tão frequentes nos estudos da área. O trabalho conjunto de pessoas com formações diferenciadas, perspectivas teórico-metodológicas e experiências variadas pode contribuir para o melhor delineamento do perfil do curso e para o fortalecimento da pesquisa em educação. (ANDRÉ, 2007, p. 50)

Ainda, o grupo de pesquisa pode ser uma boa alternativa por oportunizar aos pós-graduandos uma discussão coletiva e um (com)partilhamento com pesquisadores mais experientes (os docentes do programa). Para doutorandos, o grupo pode ser um laboratório de aprendizagem de orientação de trabalhos científicos, afinal de contas eles serão orientadores no futuro e, possivelmente, também serão líderes de grupos de pesquisa (ANDRÉ, 2007).

No que segue, apresentaremos o grupo de pesquisa, o qual somos líderes, falaremos um pouco sobre os percursos teórico-metodológicos dos trabalhos desenvolvidos e, por fim, apresentaremos os trabalhos desenvolvidos no grupo.

APRESENTAÇÃO

Criado em 2018, o Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Matemática, Diversidade e Diferença (GEduMaD) tem como objetivo estudos e pesquisas em Educação

Matemática que abordem as questões sociais, culturais, econômicas, políticas e filosóficas, que sejam atravessadas pelas Filosofias da Diferença ou, ainda, que estejam voltadas para a Formação de Professores ou o processo de ensino e de aprendizagem de grupos minoritários por suas diferenças étnicas, linguísticas, culturais, além do público-alvo da Educação Especial.

O GEduMaD está vinculado à Universidade Federal de Mato Grosso do Sul - UFMS, onde os dois autores deste artigo, e líderes do grupo, são professores. O grupo se reúne quinzenalmente de forma online, tendo em vista que seus membros estão em diferentes cidades do Mato Grosso do Sul e alguns estão em outros Estados. O grupo possui em torno de 25 participantes, os quais são graduandos, pós-graduandos e docentes da Educação Básica e Superior.

Os trabalhos desenvolvidos estão nas linhas de pesquisa: “Ensino e Aprendizagem em Matemática” e “Filosofia da Diferença e Educação Matemática” do Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática (PPGEDUMAT) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS), onde os líderes são professores permanentes.

Boa parte dos estudantes que compõem o GEduMaD são de Campo Grande ou estão morando na cidade para o curso de mestrado ou doutorado. No entanto, cabe explicar que alguns pós-graduandos são do Rio de Janeiro e estão vinculados ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de Matemática (PEMAT), o qual a primeira autora é também credenciada. E ainda que alguns são de Paranaíba/MS, onde o segundo autor, sendo lotado no campus da UFMS, é também credenciado no Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS).

Desde 2018, o grupo passou por um movimento nos estudos desenvolvidos e isso é possível perceber pela mudança nos projetos de pesquisa. A primeira autora iniciou a coordenação do grupo com o projeto intitulado “O processo de ensino e aprendizagem em Matemática: compreensões acerca da escolarização de alunos público-alvo da Educação Especial³ e da formação de professores para a Educação Inclusiva no Mato Grosso do Sul”. À época, o interesse era somente em fazer pesquisa na área da Educação Especial, mas conforme os primeiros orientandos foram chegando, percebeu-se que não tinha como restringir o olhar e a discussão do processo inclusivo a um público.

Assim, o projeto de pesquisa foi ampliado, na perspectiva de ser um ‘projeto guarda-chuva’, o qual muitos estudos podem caber. Agora, o intitulado “Formação docente e discente:

³ Pessoas com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento, altas habilidades ou superdotação (BRASIL, 1996).

olhares para os processos de inclusão/exclusão em espaços escolares e não escolares” que objetiva compreender, por meio de pesquisas qualitativas que poderão ser documentais, bibliográficas, narrativas, etnográficas, cartográficas ou usando a Etnomatemática, a construção histórica, social e política da formação docente e/ou discente, sempre observando os processos inclusivos e excludentes em diferentes espaços.

Já o segundo autor coordenou de 2017 a 2019 o projeto de pesquisa intitulado “ O que pode a Etnomatemática quando atravessada pela Filosofia da Diferença?”, que buscava elaborar discussões teóricas e técnicas sobre a transversalidade entre Etnomatemática e Filosofia da Diferença, a partir de ideias de Michel Foucault, Gilles Deleuze e Félix Guattari. Refletindo através de conceitos desses autores questões inerentes aos saberes e fazeres teórico-metodológicos da Etnomatemática, tais como, os grupos socioculturais e o seu conhecimento tradicional; a “tradução matemática” do conhecimento tradicional; o conhecimento matemático acadêmico; a universalização da Matemática; o conhecimento matemático escolar, dentre outros.

Após 2022, o segundo autor, buscando fomentar as discussões sobre cartografia a fim de serem usadas em pesquisas desenvolvidas pelos membros do grupo, iniciou o projeto de pesquisa: "Cartografando em Educação Matemática". A Cartografia, discutida inicialmente por Gilles Deleuze e Félix Guattari, atualmente é utilizada como procedimento de pesquisa em várias áreas das Ciências Humanas e Sociais Aplicadas. Assim, esta pesquisa tem como objetivo elaborar reflexões teóricas e metodológicas sobre o uso da Cartografia como procedimento de pesquisa no campo da Educação Matemática, buscando compreender como vem sendo mobilizada em pesquisas dessa área e também conjecturar formas outras de utilizá-la.

No próximo tópico nos ateremos às questões teóricas-metodológicas que permeiam as pesquisas do GEduMad.

1. PERCURSOS TEÓRICOS-METODOLÓGICOS

Os trabalhos produzidos pelos membros do GEduMaD têm um aspecto heterogêneo em relação aos temas de pesquisa e também às áreas que abrangem. Essa diversidade implica também na necessidade de lançar mão de diferentes referenciais teóricos e metodológicos.

Isso só é possível porque como grupo fazemos um exercício, sugerido por D’Ambrósio (2009) de não nos limitar às determinadas “gaiolas epistemológicas”. Para D’Ambrósio, entre as áreas do conhecimento existem limites intransponíveis, em os pesquisadores de cada campo

devem pensar e criar limitado por essas barreiras, como se estivesse preso a gaiola daquela área. O autor nos sugere que abramos as portas e transitemos pelas diversas gaiolas.

O grande desafio é ampliar as possibilidades de voar/criar para entender e explicar o mundo que nos cerca, com toda a sua complexidade. A criatividade resulta da fusão e incorporação de recursos materiais e intelectuais disponíveis, sejam aqueles próprios do universo acadêmico, obedecendo a padrões epistemológicos conhecidos, sejam aqueles proporcionados pelas tradições, que não obedecem a epistemologias reconhecidas. Isto é, não se reconhece uma teoria dos conhecimentos tradicionais. Procurar uma teorização desse conhecimento é um grande desafio metodológico. (D'AMBROSIO, 2009, p. 13)

Neste sentido, a teorização dos trabalhos desenvolvidos pelo grupo não assume a ideia tradicional de *teoria*, que consiste em um conjunto de leis e princípios racionais, hierárquica e solidamente sistematizados, de caráter conclusivo que pode ser aplicado a uma determinada área, mas sim a noção de *teorização* da qual o aporte teórico é entendido como “[...] uma ação de reflexão sistemática, sempre aberta/inconclusa e contingente, sobre determinadas práticas, experiências, acontecimentos ou sobre aquilo que se considera ser a ‘realidade do mundo’” (VEIGA-NETO, 2009, p. 86, grifos do autor). Assim, “estamos diante de uma teoria que só a posteriori se revela como tal, ou seja, uma teoria que não estava antes lá para guiar a investigação.” (VEIGA-NETO, 2009, p. 91) Também ressaltamos que esse referencial teórico pode provir das diversas áreas do conhecimento.

Dessa forma, não é possível, em poucos parágrafos, dar conta de todo o referencial teórico já mobilizado em nossas pesquisas, pois a cada uma lança-se mão de ideias teóricas que possam contribuir para a discussão dos dados produzidos. No entanto, obviamente, esses referenciais não são pinçados aleatoriamente, mas coerentemente ao poderíamos chamar de postura ética do grupo. Esboçaremos a seguir preceitos fundamentais dessa ética.

A partir de Camargo (2017), entendemos que a inclusão é um paradigma que pode ser aplicado a diferentes espaços físicos e simbólicos, onde as pessoas têm suas características idiossincráticas reconhecidas e valorizadas, participando efetivamente desses espaços.

Desse modo, nos espaços educacionais, a inclusão tem o objetivo de garantir acesso a tudo que a escola pode oferecer aos estudantes que nela estejam matriculados, em qualquer momento de sua escolarização. Dito de outra forma, a educação inclusiva é uma forma de educação que se pretende para todos, sem discriminação, em que educandos com deficiência, negros, indígenas, pessoas LGBTQIAPN+, entre outros grupos em vulnerabilidade social, passam a fazer parte do todo e, conseqüentemente, do universo da escola inclusiva.

Cabe ressaltar que, apesar de comumente ser entendido que a Educação Inclusiva se destina especificamente ao público da Educação Especial, entendemos que ela deva ser bem

mais ampla, se remetendo a toda e qualquer pessoa ou grupo que sofre processos de exclusão, independente da motivação para isso.

Nessa perspectiva, defendemos ainda que, mais efetivo que criar maneiras pontuais de incluir é exercitar a identificação de processos excludentes em ambiente escolar e lutar contra eles, buscando um modelo escolar que não exclua, e por isso não precise de adaptações inclusivas e que, por receber a todos sem distinção, não precisa ser adjetivado como “inclusivo”.

Essa ideia de Educação Inclusiva, exige que problematizemos os padrões que constantemente são impostos socialmente, que determinam o que é ideal em termos físicos, intelectuais e sensoriais de uma pessoa e também o adequado em termos de saúde, cultura, conhecimento, orientação sexual, religião, cognição, aos quais produzem o indivíduo “normal” e os “anormais”. A adequação a esses padrões de normalidade exige que o sujeito se “molde” a partir da norma, nesse processo são apagadas e/ou negadas suas particularidades, e lhe é cerceado o direito de ser e se fazer na diferença. (RODRIGUES; ROSA; MANOEL, 2022)

Nesse sentido, concordamos com Orrú (2017, p. 129) quando ela diz que a “diferença nada mais é que a qualidade daquilo que é diferente; nela há ausência de semelhança, há desconformidade, divergência, ela contém a própria diversidade, ela é inexata e, ao mesmo tempo, é excesso de uma grandeza”. Com essa autora, entendemos que não se deve identificar “o” diferente, pois isso seria apontar quem diverge da norma, o anormal, mas sim que a diferença não está na relação entre um e outro, mas a diferença em si mesma, o outro em si mesmo, a Alteridade Absoluta. (GALLO, 2008)

Esses são alguns preceitos que permeiam todos os trabalhos desenvolvidos pelo GEduMad, a seguir iremos discorrer sobre as nossas pesquisas.

2. UM POUCO DOS TRABALHOS DESENVOLVIDOS NO ÂMBITO DO GEduMaD

Neste tópico apresentaremos os trabalhos de Iniciação Científica, de mestrado e doutorado já defendidos e os que estão em andamento. Cabe ressaltar que ambos os líderes credenciaram há menos de três anos no programa de pós-graduação para orientar doutorado, então todas as pesquisas de doutorado ainda não foram defendidas.

As pesquisas do grupo iniciam com estudos de cunho etnográfico, a maioria já finalizados, os quais se valeram de técnicas da etnografia que estabelece relações, seleciona colaboradores, transcreve textos, mapeia campos, levanta genealogias, faz uso do diário (GEERTZ, 1978). Mattos (2011) a define como:

[...] um esquema de pesquisa desenvolvido pelos antropólogos para estudar a cultura e a sociedade. Etimologicamente etnografia significa 'descrição cultural'. Para os antropólogos, o termo tem dois sentidos: (1) um conjunto de técnicas que eles usam para coletar dados sobre os valores, os hábitos, as crenças, as práticas e os comportamentos de um grupo social; e (2) um relato escrito resultante do emprego dessas técnicas. (p. 60)

Os primeiros estudos com essa Metodologia foram orientados pelo segundo autor, sendo dois deles versando sobre a temática Educação no Campo, um sobre a Educação Prisional e outro sobre Educação Especial, os quais descreveremos a seguir.

A primeira pesquisa de mestrado finalizada no âmbito do GEduMaD é de Nilcéia Hellen Lacerda Dias, está intitulada "Dois professores e uma escola do campo: possibilidades e desafios em sala de aula" e teve por objetivo investigar práticas mobilizadas por dois professores de uma escola do campo situada em Anhanduí, distrito da capital Campo Grande/MS, contemplando duas disciplinas escolares: Matemática e Terra-Vida-Trabalho (T.V.T.), disciplina específica das escolas do campo estaduais de Mato Grosso do Sul.

Como procedimentos metodológicos, foram realizadas observações das aulas, foi redigido um Caderno de Campo, foi feita a análise do Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola referente ao ano de 2020 e ocorreram as entrevistas com os professores das disciplinas supracitadas. Diante disso, percebeu-se que a escola ainda não tem infraestrutura apropriada; os professores não possuem formação específica e o ensino mecanicista da Matemática Escolar prevalece. Ainda assim, a escola promove discussões por meio de projetos que refletem o pertencimento e a valorização da vida no campo, além de compreender que os estudantes do Ensino Médio são livres em suas aspirações de futuro (DIAS, 2020).

A seguir tivemos a dissertação intitulada "Educação Matemática no movimento da Educação do Campo: percepções de educadorxs sobre o fazer pedagógico com educandxs camponesxs", de Fernando Helder Casimiro Silva, teve por objetivo investigar percepções e crenças crítico-educativas dxs educadorxs de Matemática que atendem educandxs campesinxs ao abordar em suas aulas saberes camponeses (Etnomatemáticas), questões sociais e uma formação crítica. A pesquisa foi realizada no município de Paranaíba/MS, na extensão de uma escola estadual distante 35 km da área urbana que atende educandxs do campo no Ensino Médio.

Como procedimentos metodológicos, foi feito um questionário e entrevistas intensivas com quatro docentes, todxs formadxs em licenciatura plena em Matemática. A pesquisa mostrou que as aulas e os materiais de Matemática usados com xs educandxs do campo são os mesmos ou apresentam pouquíssimas diferenças em relação aos utilizados com xs educandxs

urbanos; ou seja, ocorrem invisibilidades e apagamentos de outros saberes pela valorização única da Matemática Escolar. O pesquisador apresentou aos educadorxs colaboradorxs duas fichas de trabalhos que foram bem acolhidas e abordam valorizações e reconhecimentos de outros saberes e problemas sociais, sem exclusões e apagamentos de saberes em busca de uma formação crítica para a construção de um mundo outro, feliz e em paz, que cuide da natureza SILVA, F., 2021).

A dissertação de Ruth Borges Rilko foi a terceira de cunho etnográfico e tem como título "O processo de inclusão de alunos em liberdade condicional por meio da Educação de Jovens e Adultos em uma escola municipal na cidade de Quirinópolis-GO". A pesquisadora visou pesquisar quais práticas docentes podem contribuir para a inclusão de indivíduos, os quais cometeram atos infracionais, advêm do sistema prisional, encontram-se em regime de liberdade condicional e são cursistas da Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola municipal noturna.

Como procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas estruturadas com professores e alunos, além de observação das aulas nas turmas de 8º e 9º anos do Ensino Fundamental. Como considerações, os discentes entrevistados sentem-se vítimas de preconceito no ambiente escolar, já os professores identificaram lacunas em suas formações, como a falta de algo específico que oriente sobre trabalhar com a EJA ou com a Educação Inclusiva. Ainda, foi possível identificar algumas práticas que podem contribuir com o processo inclusivo de estudantes cumpridores de pena em liberdade condicional, como por exemplo, a contextualização dos conteúdos trabalhados em sala de acordo com a realidade desses alunos (RILKO, 2020).

A dissertação de Suzana Ferreira Silva está sob o título "Educação inclusiva: desafios para o professor de Matemática da Educação Básica" e visou compreender as práticas do professor em relação à inclusão de alunos com deficiência no ensino regular, assunto que está diretamente relacionado à adequação da escola para receber a todos, à recursos financeiros e pedagógicos para tal e também à formação docente.

O estudo supracitado foi desenvolvido em uma escola estadual na cidade de Paranaíba/MS e, como procedimentos, foi utilizada a observação participante das aulas de professores de Matemática que ministravam aulas em salas que tinham alunos com deficiência, além de entrevistas semiestruturadas aos docentes em questão. Como conclusões, pode-se perceber que, apesar dos avanços em relação à inclusão, muito ainda necessita ser feito em relação às práticas e recursos didáticos, pedagógicos e administrativos, também na formação inicial e continuada de professores e gestores, pois há uma compreensão parcial do que seja

Educação Inclusiva por parte da comunidade escolar e as práticas que deveriam ser inclusivas, muitas vezes, ainda produzem exclusões no âmbito educacional (SILVA, S., 2021).

A pesquisa de Odécio Junior Batista Martins, em andamento, tem o objetivo de analisar as possibilidades de atuação de professores de Matemática numa escola quilombola e as possíveis formas de relacionar a disciplina com o contexto sociocultural dos seus alunos. Os participantes da pesquisa são três professores de uma escola da zona rural do estado de Mato Grosso do Sul, inserida numa comunidade remanescente quilombola. O referencial teórico utilizado é a Etnomatemática, que tem em sua essência o estudo das manifestações culturais de indivíduos e grupos, conhecer e fazer ecoar seus saberes - dentre eles as formas de matematizar - e também investigar como estes constroem os seus conhecimentos.

Inicialmente essa pesquisa se utilizaria da Etnografia com observação e entrevista com professores para a produção dos dados, no entanto, devido às restrições da pandemia da COVID-19 optou-se por manter somente as entrevistas de forma on-line. Onde os dados foram produzidos por meio de entrevistas semiestruturadas com os professores de Matemática que atuaram na escola. Para análise dos dados optou-se pela Análise Temática de Braun e Clarke (2006), onde os temas são selecionados a partir da leitura dos dados produzidos e a avaliação das potencialidades que cada um deles têm para compreensão do objeto de pesquisa. Deste modo, pretendemos com a pesquisa compreender a atuação dos professores de Matemática numa escola quilombola e como eles lidam com as questões culturais da comunidade nas aulas de matemática.

Uma das pesquisas finalizadas foi orientada pela primeira autora e também foi no âmbito da Educação Especial. O estudo intitulado "Compreensões sobre Atendimento Educacional Especializado para alunos com deficiência visual no contexto da Educação (Matemática) Inclusiva em Campo Grande/MS", de Joyce Braga, objetivou compreender como se configura o Atendimento Educacional Especializado (AEE) para alunos com deficiência visual no contexto da Educação Matemática Inclusiva.

Como procedimentos metodológicos, houve observação participante, entrevistas, caderneta de registros. Toda a fase de observação se deu em uma Sala de Recursos Multifuncionais (SRM) de uma escola estadual, onde é oferecido o AEE a alunos com deficiência visual e, grande parte deles, estuda em outra escola estadual que oferece Educação de Jovens e Adultos (EJA). Por meio das análises foi possível entender que a Matemática Escolar está presente no AEE e, por meio de recursos e materiais adaptados pelo docente especializado que lá atua, os alunos com deficiência visual têm conseguido permanecer no ensino comum. Contudo, foi possível observar que há uma falta de compreensão sobre o papel

do AEE, alguns professores regentes e até mesmo alguns alunos vêem o atendimento como aula de reforço, o que não é o disposto na legislação nacional (BRAGA, 2021).

Outra pesquisa com essa Metodologia, mas que é um doutorado em andamento, é a de Ana Gabriela Cardoso do Nascimento que está sob o título "O ensino de Matemática para alunos autistas a partir de seus eixos de interesse" que tem o objetivo de entender como é o processo de ensino e de aprendizagem de alunos autistas nas aulas de Matemática e se os seus eixos de interesse são levados em consideração. Como procedimentos metodológicos, haverá observação participante, entrevistas com alunos, responsáveis legais, mediadores educacionais e professores. Ainda não há considerações porque a pesquisa está em fase inicial.

Além de pesquisas de cunho etnográfico, o grupo tem investido em estudos que se utilizam da Cartografia como processo de pesquisa. O conceito retirado do campo da geografia, a Cartografia, como compreendemos, foi inicialmente formulada por Gilles Deleuze e Félix Guattari, sendo uma forma de fazer pesquisa que ao invés de buscar um resultado ou conclusão, procura acompanhar o processo.

Temos que a Cartografia, "[...] é um desenho que acompanha e se faz ao mesmo tempo que os movimentos de transformação da paisagem." (ROLNIK, 1989, p.15), nesse sentido, não temos um caminho metodológico a ser seguido definido a priori, nas o caminho vai se delineando no caminhar da pesquisa. Assim, segundo Amador e Fonseca (2009, p. 33) cartografar "trata-se de investigar um processo de produção, de acompanhar um traçado insólito, um certo tempo que dura. [...] a cartografia ocupasse de um plano movente [...]"

Para tanto, a cartografia lança mão de vários procedimentos para a de produção de dados, o cartógrafo, buscando acompanhar a processualidade dos acontecimentos, pode fazer uso de biografias, histórias de vida, narrativas pessoais, entrevistas, etnografias, análise de documentos, dados quantitativos, mapas narrativos, ou seja, o cartógrafo não tem, a priori, um roteiro a ser seguido.

A primeira pesquisa com uso da Cartografia é a de João Paulo Risso, que iniciou em 2021 como pesquisa de mestrado e migrou para o doutorado na qualificação. Além de produzir experiências de pensamento, a referida pesquisa busca convidar futuras professoras e professores de Matemática em formação e já formados inicialmente a não considerarem somente o "conteúdo matemático" em suas aulas, a não ignorarem as injustiças de nosso tempo, a somarem com as lutas sociais, a contribuírem na construção de novos projetos de sociedade, a serem professoras e professores militantes.

Para tanto, optou-se pela escrita de uma tese-romance, que acompanha a vida do personagem João, um doutorando em Educação Matemática. Com ela, que pode ser considerada

uma experimentação que se inscreve na interface entre Literatura, Filosofia da Diferença, Educação (Matemática) e outros territórios, mobilizamos alguns conceitos e ideias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Sílvio Gallo, bell hooks, Clarice Lispector, Ubiratan D’Ambrósio, Carolina Maria de Jesus, Buchi Emecheta, entre outros autores.

A produção de dados foi realizada numa disciplina de Prática de Ensino de um curso de Licenciatura em Matemática e algumas temáticas que emergiram na produção de dados e são abordadas na tese são: Etnomatemática, Educação Matemática Crítica, racismo estrutural, desigualdade social, intolerância religiosa, Ética, punição, avaliação, relações familiares, amizade, aborto, legalidade e ilegalidade, classe, gênero, raça, moral e outras (RISSO, 2022).

A pesquisa de doutorado de Leonardo Dourado de Azevedo Neto, em andamento, tem o objetivo de experienciar o uso de “ticas de matema” no dia a dia do povo indígena Parintintin. Na busca de se aproximar desse objetivo, a pesquisa se utiliza do Programa Etnomatemática proposto por Ubiratan D’Ambrosio como referencial teórico, e, como procedimento de pesquisa a Cartografia de Deleuze e Guattari.

Pretende-se mostrar os desdobramentos e os episódios emergidos durante as conversas com as lideranças indígenas Parintintin (fazedores de artesanatos, pescadores, caçadores, cacique, professores, dentre outros), lembrando sempre que é o local (território) que delimita nosso caminhar na construção da cartografia. Para o registro de informações, derivadas das conversas, usaremos a observação, gravações de áudio, de imagem e caderno de campo. Como resultado dessa problematização tem-se a intenção de elaborar, em parceria com os professores da Escola Municipal Indígena São José, um material, em forma de cartilha ou fascículo, enfatizando os usos das “ticas de matema” no cotidiano do povo indígena Parintintin (AZEVEDO NETO, 2023).

Em fase inicial, temos a pesquisa de doutorado de Mônica Taffarel que tem o objetivo de compreender, aprofundar e ampliar os conhecimentos acerca dos marcadores de tempo do povo Rikbaktsa, que habitam a região da bacia do Rio Juruena, no noroeste do Estado de Mato Grosso.

A abordagem metodológica escolhida foi a perspectiva da cartografia, que se concentra na exploração do “entre”, por ser um plano que se move e, ao mesmo tempo, não tem um roteiro a ser seguido. O embasamento teórico foi inicialmente fundamentado no Programa Etnomatemática e mobilizará conceitos da Filosofia da Diferença. Como a pesquisa ainda está em andamento, espera-se que os conhecimentos sobre os marcadores de tempo possam contribuir para a reflexão e posteriores aplicações de situações de ensino e aprendizagem que reafirmem as identidades étnicas, valorizando a cultura, bem como garantindo ao povo

Rikbaktsa o acesso às informações e aos conhecimentos necessários para que sejam coesos com os valores indígenas.

Também em fase inicial, Joyce Braga desenvolve a pesquisa de doutorado intitulada: Uma pesquisa cartográfica em uma sala de educação para jovens e adultos: os processos de in/exclusão sofridos por pessoas com deficiência visual e videntes, tem como objetivo “compreender os processos de in/exclusão sofridos por pessoas com deficiência visual e videntes da Educação de Jovens e Adultos”.

A pesquisa será realizada em uma sala de Educação de Jovens e Adultos que funciona nas dependências de uma instituição para pessoas com deficiência visual, porém, há videntes e pessoas com deficiência visual matriculadas nesse serviço. Para tal, será utilizada a cartografia como proposta metodológica, por permitir ao pesquisador maior flexibilidade quanto aos objetivos específicos e os instrumentos de produção de dados, não exigindo que sejam pré-estabelecidos, mas que sejam construídos no decorrer do trabalho. Os dados para análise poderão ser produzidos por meio de observações, registros em diário de bordo, entrevistas com os alunos e com o professor de matemática que trabalha nessa sala.

Ainda, há estudos que utilizam a pesquisa narrativa que se caracteriza, segundo Abrahão (2006), como o “fazer surgir histórias de vida em planos históricos ricos de significado, em que afloram, inclusive, e muito especialmente, aspectos de ordem subjetiva” (p. 154). Nessa direção, Paiva (2008) diz que:

A pesquisa narrativa mais comum pode ser descrita como uma metodologia que consiste na coleta de histórias sobre determinado tema onde o investigador encontrará informações para entender determinado fenômeno. As histórias podem ser obtidas por meio de vários métodos: entrevistas, diários, autobiografias, gravação de narrativas orais, narrativas escritas, e notas de campo (p. 263).

Entender uma narrativa é também reconhecer sua dimensão não cronológica, expressa pelas funções e sentidos do enredo (JOVCHELOVITCH; BAUER, 2012).

Nessa perspectiva, temos uma dissertação defendida, no âmbito da Educação Especial, de Fabio Palácio Batista intitulada “Compreensões sobre a vida escolar dos alunos com Altas Habilidades ou Superdotação referentes à Educação Matemática” que teve como objetivo compreender o que acontece após a identificação do aluno com altas habilidades ou superdotação com afinidades em Matemática na inclusão em sala de aula, nas práticas que envolvem a Educação Matemática.

Como procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas feitas com estudantes que frequentam ou frequentaram o curso de Matemática - licenciatura e

o Centro Estadual de Atendimento Multidisciplinar para Altas Habilidades/Superdotação, em Campo Grande/MS, que é responsável pela identificação e acompanhamento destes alunos em sua trajetória escolar e de vida; e alguns integrantes da equipe pedagógica do referido Centro. Como considerações temos que laudo causa mudanças na vida escolar desses alunos, como o sentimento de exclusão em sala, traz uma melhor compreensão dos professores a respeito de determinados comportamentos apresentados pelos estudantes, além de auxiliar na elaboração de estratégias pedagógicas para inclusão destes alunos na sala de aula (BATISTA, 2022).

As demais pesquisas que utilizam essa metodologia estão em andamento e serão apresentadas abaixo.

Deborah Liz Rodrigues de Souza desenvolve uma pesquisa de Iniciação Científica intitulada "Estado da Arte: olhares para os processos de in/exclusão em Matemática de pessoas com Altas Habilidades ou Superdotação" que iniciou como uma pesquisa bibliográfica olhando para os trabalhos sobre a temática e, em breve, entrará na fase das entrevistas.

O estudo de mestrado intitulado "O processo de ensino e de aprendizagem da disciplina de Matemática para surdos durante a pandemia do COVID-19: a visão de intérpretes de Libras", de Anderson da Silva Nascimento, teve como objetivo discutir e compreender como se deu o processo de acessibilidade e inclusão no ensino da Matemática durante o período da pandemia do COVID-19 nas escolas da rede municipal de Campo Grande/MS.

Como procedimentos metodológicos, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com profissionais que atuam diretamente na Educação Especial, e que vivenciaram o período de ensino remoto. Como resultados parciais foi possível perceber que havia material criado para todos os alunos e aulas gravadas com a presença do intérprete para que a tradução para a Libras fosse garantida, mas, quando um aluno surdo tinha alguma dúvida em relação ao material impresso, o ensino ficava à cargo do intérprete e não do professor regente com o apoio deste profissional.

Voltado ao processo de inclusão de estudantes com TEA, Vinícius Garcia Rodrigues de Souza desenvolve sua pesquisa de mestrado com o objetivo de investigar quais são as concepções, dificuldades, desafios e práticas no âmbito da Educação Inclusiva de professores de apoio que trabalham com alunos TEA. Por conseguinte, entender as práticas inclusivas desses professores de apoio que trabalham com alunos TEA na rede estadual de ensino de Paranaíba-MS. Com isto, verificar se há capacitação para os docentes no que diz respeito ao trabalho das habilidades desenvolvidas no processo de inclusão.

As participantes desta pesquisa foram as profissionais docentes da educação básica, colaboradoras da rede de ensino estadual do Mato Grosso do Sul, no município de Paranaíba-

MS. A partir da perspectiva qualitativa, para a produção de dados foram realizadas entrevistas, a partir de um formulário on-line enviado para as participantes.

Elzanir Silva Alves, embasada em ideias de Mantoan (2003; 2017), D'Ambrósio (2005) e outros, desenvolve a pesquisa de mestrado que visa investigar como os professores de Matemática, do Atendimento Educacional Especializado e também o profissional de apoio para compreendem a Educação Inclusiva numa escola pública e a forma como articulam suas práticas para alcançar um ensino de Matemática numa perspectiva Inclusiva.

A partir da perspectiva qualitativa de pesquisa, a entrevista será do tipo semiestruturada e os dados serão analisados com uso de Análise Temática (AT). Tem-se a expectativa de produzir saberes que dêem condições de conjecturar possibilidades para o ensino de Matemática amparado em ideias da Educação Inclusiva e que envolvam os papéis dos professores de Matemática, de AEE e profissionais de apoio.

Pensando em uma Educação Inclusiva, em um sentido mais amplo, que não está restrita às pessoas com deficiência e que respeita a heterogeneidade e a diferença que há em sala de aula, nas escolas, em todos os espaços escolares ou não escolares, apresentamos as pesquisas a seguir.

A pesquisa "Desmitificando a Discalculia: experiências escolares e não escolares", de Lara Fernanda Leonel Ramires, tem por objetivo compreender as vivências de indivíduos discalculicos, após o laudo com a identificação, nos diferentes espaços. Haverá um olhar para a Neurodiversidade como um contraponto ao modelo médico. Como procedimentos metodológicos, serão feitas entrevistas com pessoas com discalculia e seus familiares sobre o significado do laudo, sobre como os processos de identificação e classificação do modelo médico afetam essas pessoas neurodivergentes e as possíveis intercorrências. Esse estudo foi inspirado em uma Iniciação Científica, sob orientação da primeira autora, que teve como produto final um Trabalho de Conclusão de Curso (RAMIRES, 2022),

Outro estudo é o que está sendo desenvolvido por Rodrigo Miranda Ferreira sob o título "Por uma Educação mais inclusiva: um olhar para praticar de ensino de Matemática provenientes de um grupo colaborativo", cujo objetivo é compreender como os professores podem promover práticas inclusivas e integrar a formação de professores de Matemática e Pedagogia na perspectiva da educação inclusiva.

Para tanto, criamos um grupo colaborativo que, para produzir os dados da pesquisa, tiveram oito encontros online semanais a fim de discutir práticas de ensino de Matemática com a perspectiva da Educação Inclusiva. A cada encontro, houve a transcrição e a escrita de um Diário de Campo.

Olhando para a vulnerabilidade em relação às questões socioeconômicas, está sendo escrita, por Everton Dutra Colodetti, a dissertação intitulada "As desigualdades socioeconômicas e a escola pública: uma investigação acerca das relações existentes entre os direitos violados e os sujeitos de direito" que tem o intuito de compreender como se dá o desenvolvimento da disciplina Aplicações Matemáticas quando o contexto dos educandos é levado em consideração durante as aulas e no planejamento do professor.

Além das narrativas produzidas em duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, a pesquisa utiliza os Cenários para Investigação como proposta metodológica, inspirados na perspectiva da Educação Matemática Crítica. Como considerações parciais, foi possível perceber que os estudantes das escolas públicas padecem com questões relacionadas às condições físicas das escolas públicas, ao cerceamento de suas identidades e às múltiplas formas de opressão no ambiente escolar. Ainda, percebemos que o ensino de Matemática pode transitar fora das fronteiras curriculares, pautado na criticidade em consonância com as reais vivências de seus estudantes.

Outros temas que também são pesquisados no GeduMaD: gênero e sexualidade nos trabalhos que seguem.

João Gabriel Souza Freitas, após realizar uma Iniciação Científica sob orientação da primeira autora e escrever seu Trabalho de Conclusão de Curso (FREITAS, 2022), está desenvolvendo um estudo intitulado "Corpos Formatados para uma Educação Matemática: Perspectivas de Egressos e Pós-Graduandos Desviantes" que tem por objetivo estudar como pré-conceitos e *bullying* afetaram/afetam corpos de pós-graduandos e egressos em Educação Matemática que se consideram pertencentes à comunidade LGBTQIAPN+ ou se identificam com gêneros e/ou sexualidades desviantes. Como procedimentos metodológicos serão captadas, por meio de podcasts narrativas autobiográficas dos participantes como um meio de identificar como esses corpos são afetados em sua vida escolar e acadêmica quando discriminados (ou não) por conta de seu gênero ou sexualidade. Com isso, buscamos contribuir com as pesquisas realizadas sobre esse tema proporcionando mais visibilidade para as narrativas desses grupos de pessoas.

Por fim, temos a pesquisa de doutorado de Geisa Abreu Lira Corrêa dos Santos, também em fase inicial, sob o título "Mulheres (que ensinam Matemática): reflexões sobre expectativas e possíveis impedimentos ou desafios" que visa olhar para as questões de gênero, com foco nas mulheres, e, por meio de entrevistas, entender expectativas e potenciais dificuldades encontradas pelas mulheres em sua ascensão acadêmica e profissional.

No que segue apresentaremos uma breve discussão do que já foi abordado nas pesquisas supracitadas.

3. PARA (NÃO) ACABAR...

Como ressaltamos no tópico teórico-metodológico e pode ser visto na descrição dos trabalhos, as pesquisas do GEduMaD transitam por percursos teóricos-metodológicos distintos, como a Etnografia, a Etnomatemática, a Cartografia e a Pesquisa Narrativa que não são escolhidos aleatoriamente, mas após algumas discussões em reuniões individuais e em grupo sobre os dados a serem produzidos. As temáticas das pesquisas são propostas pelos mestrandos e pelos doutorandos já no processo seletivo e, em geral, são disparadas por indagações, incômodos, vivências etc.

Todos os trabalhos têm em comum a concepção de inclusão em seu sentido mais amplo, que não se restringe à Educação Especial, a qual percebemos que ainda há quem associe as duas como sendo a mesma coisa. Cabe esclarecer que a Educação Especial é uma modalidade de educação preferencialmente ministrada pela rede regular de ensino (BRASIL, 1996). Por outro lado, a Educação Inclusiva é um movimento que não se limita a um determinado grupo, é um olhar para as singularidades de cada indivíduo, percebendo as diferenças sem reduzi-las às suas características, sem categorizá-las ou rotulá-las.

É no social que a inclusão se constitui, em meio às diferenças, que a todo tempo se diferenciam e não se institucionalizam. E é no espaço provocado pela inclusão que a aprendizagem permanente e duradoura se torna possível não apenas para alguns, mas sim para todos, sem ilusões de padrões uniformes, porém disforme em sua incompletude. A inclusão provoca um outro espaço que não se encontra nas extremidades da ponte ou das fronteiras, mas no entremeio, nas entrelinhas. A inclusão não se alia à instituição porque ela não dociliza corpos, não controla por modelos. Por isso é incabível a ideia de integração pautada em primeiro docilizar o outro na classe especial ou na instituição de controle para depois [...] ser agrupado (incluído) em classes regulares, em escolas comuns a todos.” (ORRÚ, 2017, p.74-75).

Inclusão significa reestruturação do sistema educacional, ou seja, exige uma mudança estrutural no ensino regular para tornar a escola inclusiva, um espaço democrático e competente para trabalhar com todos os alunos, independentemente de raça, classe social, gênero ou características pessoais.

A partir das pesquisas já concluídas é possível perceber que alguns corpos e saberes são invisibilizados ou apagados em detrimento de um corpo padrão, em geral, branco, cis, hétero, com determinado peso etc. Ao mesmo tempo, há uma valorização da Matemática Escolar como se não houve matemáticas possíveis, produzida em culturas e ambientes não-escolares.

Observamos, ainda, que há a necessidade de discutir a diferença e a sala de aula heterogênea em diversos espaços, principalmente na formação inicial de professores, para que docentes saibam lidar com diversos temas e pessoas promovendo a inclusão de todos, sem distinção.

Outras questões que surgem nos trabalhos desenvolvidos pelo grupo são crenças, socialmente enraizadas, relacionadas à normalidade e à homogeneidade. É fundamental discutirmos nos espaços escolares (e não escolares) sobre a diferença e as singularidades de cada indivíduo, pois ninguém é igual a ninguém na escola, cada pessoa tem suas particularidades, seu tempo de aprendizado, todas as salas de aula são heterogêneas (e sempre foram), além de refletirmos: O que é ser normal? Que normalidade é essa que está presente em tantos discursos?

Como educadores devemos prestar muita atenção a tal comportamento, mas será que é o único problema? Não só as práticas educativas devem ser levadas em conta, mas também as atitudes cotidianas. Por que pensar apenas em adaptações, sejam elas curriculares ou a confecção de materiais didáticos, quando algum aluno parece ser “diferente” do que estamos acostumados em nossa sala de aula “homogênea” e “normal”? Por que o aluno “diferente” não cabe no nosso planejamento, se cada ser humano é único? Agora, com foco na Educação Especial na perspectiva da Educação Inclusiva: Por que chamar de “alunos especiais”, “alunos da inclusão” ou “alunos incluídos”? Os demais não são especiais ou não devem ser incluídos? Essas expressões têm aparecido nos relatos presentes nas pesquisas e são uma forma de exclusão, de preconceito, por rotular pessoas com alguma deficiência ou transtorno global do desenvolvimento.

No caso da pessoa com Altas habilidades ou Superdotação, há um duplo estigma, pois, em geral, este termo se associa ao fracasso, como uma marca depreciativa, os indivíduos são estigmatizados por estarem acima da média em relação a seus pares e, quando se destacam em uma área e não tem um rendimento tão bom em outra, são passíveis de uma falta de credibilidade em relação ao laudo (RANGNI; COSTA, 2014). Conforme afirma Mantoan (2017) : “para entender o que é e como incluí-lo, temos que nos livrar daquilo que nos fez excluir , sem ou com intenção de fazê-lo” (p. 9).

Os educadores devem deixar de lado algumas crenças e conceitos, e compreender que todos, sem distinção, têm capacidade de aprender. Deve-se ter um olhar para as potencialidades de cada um. O ensino e a aprendizagem inclusivos podem ser alcançados respeitando as singularidades e reconhecendo a diversidade, não dando espaço à intolerância, ao preconceito,

à discriminação e à rotulagem ou estigmatização de indivíduos devido à raça, gênero, etnia, religião e orientação sexual, entre outros (ROSA; RODRIGUES, 2019).

Nas pesquisas do grupo aparece constantemente a Formação Docente, alinhado a isso estão as práticas inclusivas ou não e relatos, o qual o mais comum é: “Não estou ou não fui preparado(a) para isto na graduação”. Como não há formação que prepare para todas as particularidades da escola, há a necessidade de discutir o assunto não só em disciplinas com temáticas específicas, nas Práticas de Ensino ou no Estágio Supervisionado (ROSA, 2017). A inclusão é um tema transversal e deve ser discutido/trabalhado em todas as disciplinas e em diferentes espaços institucionais:

Como professores de Matemática temos que vislumbrar uma educação colaborativa nas universidades e escolas onde se qualifiquem professores e especialistas formados, onde haja conversação entre profissionais, compartilhamento de conhecimento entre cursos, departamentos, turmas, sem separar matrizes disciplinares e estágio, porque tal diferenciação reflete no ambiente escolar. (ROSA, 2017, p. 234)

Além da qualificação dos professores, é preciso levar em consideração que a Matemática é um filtro social por “determinar” quem avançará no processo educacional, quem será um bom aluno, entre outros. Assim, ao levar em conta a natureza exclusiva da Matemática, é necessário pensar na qualificação de professores de Matemática que problematizem os aspectos aqui abordados e lhes deem a possibilidade de raciocinar sobre a necessidade de mudança deste quadro com base em referenciais teóricos e condições práticas. Cabe ressaltar que pela palavra exclusiva entendemos que, não só há processos de exclusão, mas também que é uma disciplina que se restringe a alguns corpos.

Segundo Rodrigues (2017), essa seletividade leva em conta os aspectos sociais, culturais, econômicos e biológicos de corpos que, quase sempre, se enquadram no estereótipo do “homem branco, europeu”. Indivíduos pertencentes a grupos que não se enquadram neste modelo, como indígenas, *quilombolas*, pessoas com deficiência, mulheres e, sobretudo, os pobres, são excluídos deste processo seletivo, ou, muitas vezes, atravessam um caminho mais árduo.

Também temos que olhar para esta questão do ponto de vista da sociedade porque as mudanças que não ocorrem a nível macro, não permitem mudanças no ambiente escolar - e a Educação Matemática é fortemente influenciada por isso. Enquanto professores (de Matemática) continuarem pensando na padronização, na normalidade e na idealização de alunos homogêneos, não haverá avanço. As mudanças devem começar dentro de cada um de nós, em

nossas aulas, pois TODOS os alunos devem ser incluídos e não caracterizados com base em suas particularidades.

REFERÊNCIAS

- ABRAHÃO, M. H. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: E. C. Souza; M. H. Abrahão (Org.), **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: EDIPUCRS, EDUNEB, 2006. p. 149-170.
- AMADOR, Fernanda; FONSECA, Tânia Mara Galli. Da intuição como método filosófico à cartografia como método de pesquisa – considerações sobre o exercício cognitivo do cartógrafo. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 61, n. 1, p. 30-37, 2009.
- ANDRÉ, M. Desafios da pós-graduação e da pesquisa sobre formação de professores. **Educação & Linguagem**, São Bernardo do Campo, v. 10, n. 15, p. 43-59, 2007. Disponível em: <<http://dx.doi.org/10.15603/2176-1043/el.v10n15p43-59>>. Acesso em: 13 set. 2023.
- AZEVEDO NETO, L. D.; RODRIGUES, T. D. O povo Indígena Parintintin: as “ticas de matema” na sua organização sociocultural. **Journal of Mathematics and Culture**. Anais do II Ciclo de Estudos e Debates em Etnomatemática e Etnomodelagem. 2023. p. 144-148.
- BATISTA, F. P. **Compreensões sobre a vida escolar dos alunos com altas habilidades/superdotação referentes à Educação Matemática**. 2022. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), 102 p. Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022.
- BRAGA, J. **Compreensões sobre o atendimento educacional especializado para alunos com deficiência visual no contexto da Educação (Matemática) Inclusiva em Campo Grande/MS**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), 147 p. Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021.
- CAMARGO, E. P. Inclusão social, educação inclusiva e educação especial: enlaces e desenlaces. In. **Revista Ciências e Educação (Bauru)**, 23(1), pp. 1-6, 2017.
- D’AMBRÓSIO, U. Etnomatemática e História da Matemática. In. FANTINATO, Maria Cecília de Castello Branco. **Etnomatemática: novos desafios teóricos e pedagógicos**. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2009.
- DIAS, N. H. L. **Dois professores e uma escola do campo: possibilidades e desafios em sala de aula**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), 105 p. Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2020.
- FREITAS, J. G. S. **Preto, Pobre, Gay e Professor de Matemática: um ecoar de uma voz, um corpo e uma Matemática in/exclusiva**. Trabalhos de Conclusão de Curso (Matemática - Licenciatura). Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5621>
- GALLO, S. Eu, o outro e tantos outros: educação, alteridade e filosofia da diferença. In. **Anais do Congresso Internacional Cotidiano: Diálogos sobre Diálogos**. Niterói, RJ, 2008.
- GEERTZ, C. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

- JOVCHELOVITCH, S.; BAUER, M. W. Entrevista narrativa .In: BAUER, M. W. GASKELL, G. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som**. 10 ed. Tradução: Pedrinho Guareschi. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012. p. 90 -113.
- MATTOS, C. L. G. A abordagem etnográfica na investigação científica. In MATTOS, C. L. G.; CASTRO, PA. (Org). **Etnografia e educação: conceitos e usos** [online]. Campina Grande, PB: EDUEPB, 2011. p. 49-83.
- ORRÚ, Sílvia Ester. **Re-inventar da inclusão: os desafios da diferença no processo de ensinar e aprender**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 2017.
- PAIVA, V. L. M. O. A pesquisa narrativa: uma introdução. **Revista brasileira de linguística aplicada**, v. 8, p. 261-266, 2008.
- RAMIRES, L. F. L. **A experiência- descoberta da Discalculia: uma narrativa (auto)biográfica**. Trabalhos de Conclusão de Curso (Matemática - Licenciatura). Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2022. Disponível em: <https://repositorio.ufms.br/handle/123456789/5622>
- RANGNI, R. A.; COSTA, M. P. R. Altas habilidades/superdotação e deficiência: reflexões sobre o duplo estigma. **Educar em Revista**, p. 187-199, 2014.
- RILKO, R. B. **O processo de inclusão de alunos em liberdade condicional por meio da educação de jovens e adultos em uma escola municipal na cidade de Quirinópolis-GO**. 2020. Dissertação (Mestrado em Educação), 156 p. Paranaíba, MS, Brasil: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2020.
- RISSO, J. P.; RODRIGUES, T. D. Matemáticas: um conto. In: XVI Seminário Sul-Mato-Grossense de Pesquisa em Educação Matemática. **Anais...** Campo Grande: UFMS,, 2022.
- RODRIGUES, T. D. R. **Práticas de Exclusão em Ambiente Escolar**. São Paulo: Cultura Acadêmica, 2017.
- RODRIGUES, T. D.; ROSA, F. M. C.; MANOEL, A. P. Exclusion and inclusion processes in Mathematics classrooms: reflections on difference, normality and cultural issues within three different contexts. In. **The Mathematics Enthusiast**. v. 19, n. 2, 2022.
- ROLNIK, S. Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.
- ROSA, F. M. C. História de vida de alunos com deficiência visual e de suas mães: um estudo em educação matemática inclusiva. 2017. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Instituto de Geociências e Ciências Exatas, Unesp, Rio Claro, 2017.
- SILVA, F. H. C. Educação Matemática no movimento da Educação do Campo: percepções de educadorxs sobre o fazer pedagógico com educandxs camponesxs. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação Matemática), 187 p. Campo Grande, MS, Brasil: Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, 2021.
- SILVA, S. F. **Educação Inclusiva: desafios para o professor de Matemática da Educação Básica**. 2021. Dissertação (Mestrado em Educação), 104 p. Paranaíba, MS, Brasil: Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, 2021.
- VEIGA-NETO, A. Teoria e método em Michel Foucault (im)possibilidades. **Cadernos de Educação**, n. 34, p. 83-94, 2009.